O TERMO “COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR” DOS EUA ESTÁ DESATUALIZADO

*Por Dan Grazier**



O presidente americano Dwight D. Eisenhower (U.S. National Archives).

O termo está desatualizado e já não é mais correto para descrever um establishment *cuja última preocupação é a segurança da população que o sustenta.*

É hora de aposentar a expressão “complexo militar-industrial”. O presidente Dwight Eisenhower cunhou esta expressão imortal durante seu discurso de despedida em 17 de janeiro de 1961 para alertar os americanos contra a “aquisição de influência injustificada” pela conjunção de “um imenso *establishment* militar e uma grande indústria de armas”.

Como general de cinco estrelas, Ike conhecia, talvez melhor do que ninguém, a relação egoísta e mutuamente benéfica entre a indústria de defesa e os militares. Mas ele negligenciou a menção do papel do Congresso no acordo, e nem poderia necessariamente ter previsto as formas como os interesses empresariais se entrelaçariam com as diversas burocracias que mantêm os cofres do Pentágono fluindo.

Embora a expressão “complexo-de-informação-militar-industrial-do-Congresso” fosse mais precisa, ela não flui exatamente. E tal como a denominação mais rápida de Eisenhower, ainda sugere um elemento de conspiração. Mas, claro, nada disso é teórico.

O Pentágono, o Congresso, a indústria de defesa, os *think tanks*, os lobistas e os meios de comunicação patrocinados pela indústria são todos muito reais. Quando combinados, constituem o que é mais bem denominado como "*National Security Establishment*" ("Estamento de Segurança Nacional"), que os americanos veem em ação o tempo todo.

Vemos isso quando um general reformado vai à televisão explicar exatamente como o Exército ucraniano pode derrotar os russos – mas apenas se o Congresso aprovar o mais recente pacote de ajuda de bilhões de dólares. Não é feita qualquer menção ao fato bastante relevante de que o *think tank* do general é financiado por empreiteiros da defesa que poderão se beneficiar do pacote de ajuda que ele pede.

Vemos isso quando outro general se aposenta do cargo de chefe da força em que servia e aparece seis meses depois no conselho de uma importante empresa de defesa. Coincidentemente, é o mesmo empreiteiro de defesa que comemorou, um ano antes, quando aquele general anunciou que a empresa tinha vencido o contrato de 21,4 bilhões de dólares para construir uma frota de bombardeiros.

Vemos isso quando um membro sênior da Comissão dos Serviços Armados do Senado propõe que os EUA gastem 5% do produto interno bruto todos os anos nas Forças Armadas – um aumento de 55 bilhões de dólares no orçamento atual do Pentágono. Previsivelmente, ele não menciona que a maior parte desse dinheiro iria para contratos de defesa concedidos às mesmas organizações que lhe deram mais de US$ 530 mil em dinheiro de campanha desde 2019. Ele não reconhece como os orçamentos abundantes do Pentágono nos últimos 25 anos criaram o lamentável estado dos militares hoje.

Vemos isso até quando menos esperamos, como quando o maior empreiteiro de defesa do país publica anúncios durante as cerimônias de entrega do Oscar e publica um mapa interativo no *website* da empresa divulgando os benefícios econômicos de um programa de armas. A empresa quer que todos saibam quantos empregos poderão ser perdidos se o Congresso votar pela interrupção do programa de alguma forma.

O povo americano também vê o impacto destas ações por parte do Sistema de Segurança Nacional.

Vemos dezenas de bilhões gastos em um caça a jato que só pode estar pronto para o combate de forma confiável um terço do tempo. Vemos também mais de 60 bilhões de dólares gastos na concepção e construção de navios de guerra que eram tão defeituosos que o pessoal da Marinha aparentemente não consegue se livrar deles com rapidez suficiente. A Marinha desativou um desses navios menos de cinco anos após a cerimônia de comissionamento, cerca de duas décadas antes da vida útil planejada do navio.

A partir de 2003, o Exército gastou pelo menos oito bilhões de dólares, e algumas fontes dizem que quase 20 bilhões de dólares, desenvolvendo o *Future Combat System* (Sistema de Combate Futuro), uma família de veículos blindados para substituir tanques, veículos de transporte de pessoal e veículos de artilharia da

era da Guerra Fria. O Pentágono cancelou então o programa em 2009, com poucos resultados em termos de esforço e despesas.

Existem muitos outros exemplos de esforços de aquisição fracassados nos últimos 25 anos que explicam parcialmente por que os gastos anuais com defesa são agora 48% maiores do que eram em 2000. Agravando estes esforços está a dependência do Pentágono de empreiteiros para desempenhar muitas funções antes desempenhadas por militares a uma taxa financeira muito mais baixa. O próprio Departamento de Defesa analisou um caso em que a contratação de um grupo de empreiteiros custou 316% mais do que os funcionários públicos encarregados de trabalhos semelhantes.

Em uma cidade onde o partidarismo e o rancor político têm impacto em quase todos os debates, as políticas de defesa inúteis e ineficazes são uma exceção evidente. Isto porque o Sistema de Segurança Nacional é agnóstico quanto a partidos. Os empreiteiros militares doam dinheiro a candidatos e lobistas de ambos os lados do corredor, esses candidatos votam a favor de aumentos orçamentários do Pentágono e financiam programas de armamento muito depois dos seus fracassos serem amplamente conhecidos, e lobistas e grupos de comunicação social patrocinados por empresas geram apoio público para esses programas.

Sem grandes mudanças estruturais, é quase certo que este padrão continuará nas gerações futuras. O atual sistema de segurança nacional lançou vários programas de armamento importantes nos últimos anos que, se continuarem nas trajetórias atuais, conduzirão o orçamento anual do Pentágono a níveis verdadeiramente sem precedentes.

À medida em que programas como o B-21, a fragata classe Constellation, o jato de combate Next Generation Air Dominance, o submarino de mísseis balísticos classe Columbia, vários programas de veículos terrestres, o míssil nuclear Sentinel e uma miríade de sistemas espaciais e cibernéticos amadurecerem e entrarem em produção a pleno vapor nas próximas décadas, o orçamento do Pentágono será ampliado para cobrir os custos.

Mas não tem que ser assim, se o Congresso realmente fizer seu trabalho de supervisão. Vários destes programas já estão atrasados e acima do orçamento. Os custos do programa de mísseis Sentinel aumentaram 81%, para 140,9 bilhões de dólares, em relação à estimativa original de 77,7 bilhões de dólares, e ainda demorará vários anos até que o primeiro míssil seja instalado em um silo. No entanto, dada a enorme influência financeira, mesmo estes fracassos flagrantes são praticamente encobertos, uma simples nota de rodapé para a maioria, e depois preparados para serem carimbados.

As forças e suas burocracias, a indústria de defesa, os membros do Congresso e os porta-vozes pagos que promovem seus interesses nos meios de comunicação e durante as visitas de *lobby*, todos constituem o muito real Estamento de Segurança Nacional. Identificar esta rede é o primeiro passo para evitar sobrecarregar as gerações futuras com a dívida esmagadora associada às atuais políticas militares insustentáveis dos EUA.

Embora já seja passada a hora de atualizar a expressão, o alerta de Eisenhower continua mais real do que nunca. Os americanos devem permanecer vigilantes e se proteger contra a natureza egoísta deste aparelhamento que está mais empenhado em encher seus próprios bolsos do que em manter a segurança dos americanos e seus aliados.

Publicado no Responsible Statecraft.

***Dan Grazier** é pesquisador e diretor de programas do Stimson Center. Ex-capitão do Corpo de Fuzileiros Navais, serviu no Iraque e no Afeganistão. Suas atribuições incluíram missões no Segundo Batalhão de Tanques em Camp Lejeune, Carolina do Norte, e no Primeiro Batalhão de Tanques em Twentynine Palms, Califórnia.*
